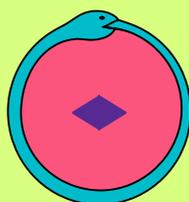
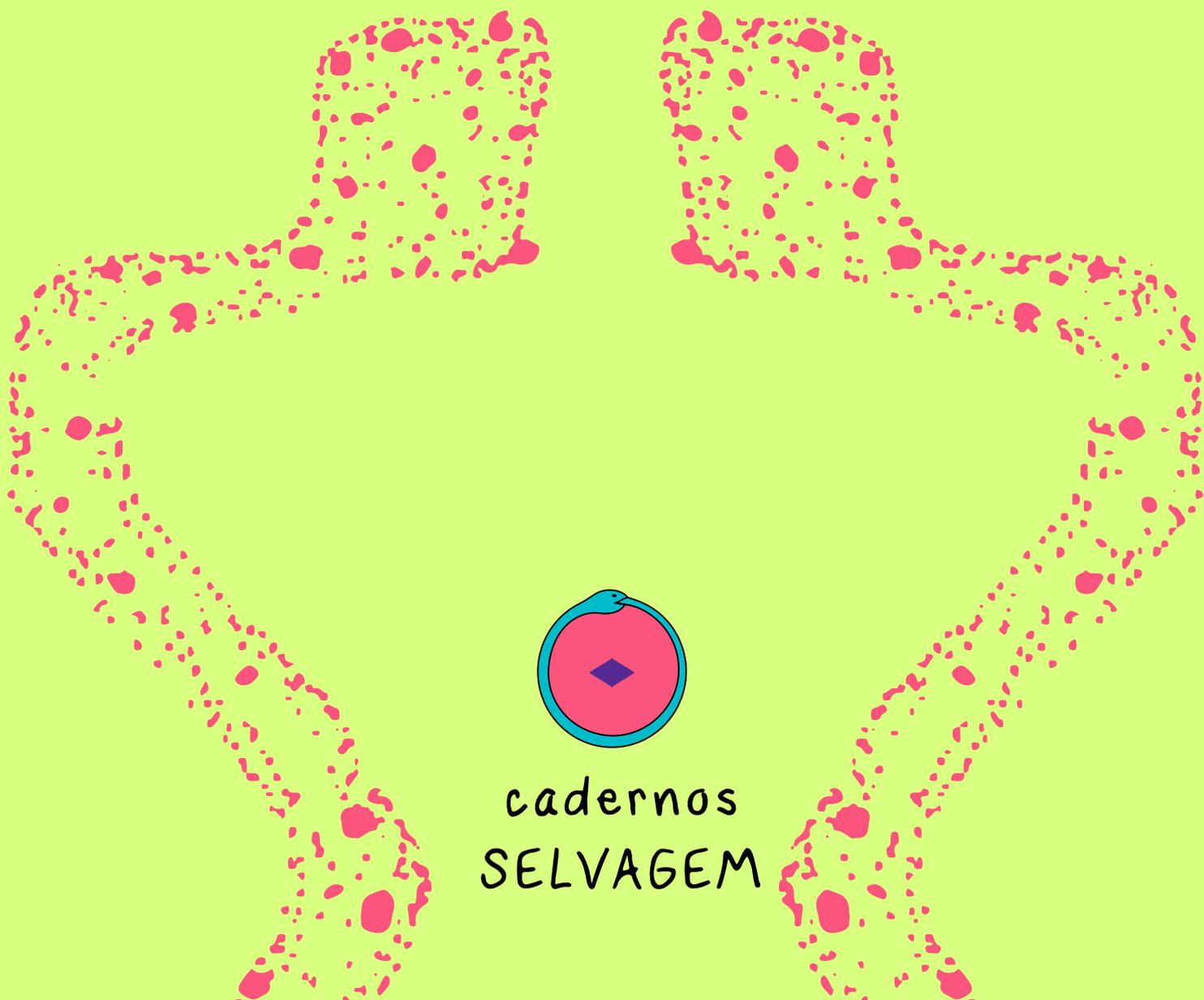


ANTES DOS KĒHÍRIPŌRÃ,
OS DESENHOS DOS SONHOS
NÃO EXISTIAM

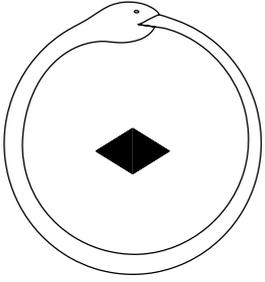
Denilson Baniwa

ciclo ANTES O MUNDO NÃO EXISTIA

3/4



cadernos
SELVAGEM



ANTES DOS KĒHÍRIPŌRĀ, OS DESENHOS DOS SONHOS NÃO EXISTIAM

Denilson Baniwa

Ciclo de Leitura do livro *Antes o mundo não existia* 3/4

APRESENTAÇÃO

Idjahure Kadiwel

É com muita alegria que retomamos a publicação dos encontros do ciclo de leitura *Antes o mundo não existia*, livro de mitologia *desana* de autoria de Firmiano Lana (*Umusi Pārōkumu*) e Luiz Lana (*Tōrāmũ Kēhí-ri*), ocorrido nos dias 22 e 29 de julho e 5 e 12 de agosto de 2020, coordenado por mim e Francy Baniwa. Neste terceiro encontro, convidamos o artista Denilson Baniwa para compartilhar sua visão sobre as pinturas presentes no livro a partir dos trânsitos e experimentações de seu fazer artístico, ao lado da própria Francy, que também fez uma exposição com base em sua pesquisa antropológica sobre as narrativas de criação do povo *Baniwa*, enfatizando a perspectiva feminina sobre essas histórias e complementando a apresentação de Denilson. Ao cabo da conversa, Denilson sugere a Anna Dantes que publicasse a dissertação de Francy. Neste mês de abril de 2023, quase três anos depois daquele encontro, *Umbigo do mundo*, livro assinado por Francy Baniwa (*Hipamaalhe*) e seu pai Francisco Baniwa (*Matsaape*), e que conta com mais de 70 pinturas em aquarela de seu irmão Frank Baniwa (*Hipattairi*), vem à luz.

As infindáveis camadas presentes nas narrativas, histórias ou mitos do Rio Negro, assim, foram analisadas pela perspectiva de dois pensadores indígenas *baniwa*, abordando as relações entre a visualidade e os elementos da narrativa — ou da *geomitologia*, como a chamara no primeiro encontro da série Jaime Diakara. Na ampla região do Alto Rio Negro, o povo *Baniwa* é vizinho dos *Desana* e dos *Tukano* e, embora

de outra família linguística, com outras tradições, compartilham muitas características em seu modo de vida, pensamento e organização social. Nesta edição, enfocamos a participação de Denilson e o modo como desenvolve sob múltiplas estéticas sua arte, com base nas tradições narrativas e pictográficas rio-negrinas. A rica fala de Francly, que compartilhou com sua generosidade habitual sobre os saberes femininos, cosmológicos, ritualísticos e agrícolas **baniwa**, decerto encontrará lugar em outra publicação a partir do lançamento de *Umbigo do mundo*.

Naquele momento, editava o catálogo da exposição *Véxoa: Nós sabemos*, de curadoria de Naine Terena, realizada na Pinacoteca de São Paulo entre novembro de 2020 e março de 2021, para o qual Denilson contribuiu com um artigo em homenagem a Feliciano Lana, sobrinho de Firmiano Lana e primo-irmão de Luiz Lana, que falecera em maio de 2020. Pela força de seu depoimento, Denilson foi convidado a aprofundar a conexão elaborada em seu artigo, explorando o advento da visualidade presente em *Antes o mundo não existia* e a influência sobre sua prática, que tem sido uma das mais representativas em meio a toda essa geração que tem transformado a arte indígena contemporânea.

DENILSON BANIWA

Eu sou Denilson Baniwa, eu sou **baniwa** do Rio Negro, estou no Rio de Janeiro agora, em Niterói precisamente, onde resido e trabalho. Sou artista num contexto bem amplo, de movimentar tanto visualidades quanto algumas outras coisas, para um lugar da arte onde o corpo indígena se faz presente em formas diversas.

Conheci o Feliciano em São Gabriel já há algum tempo. Conversamos, enfim, trocamos algumas ideias. Aprendi com ele e de fato ele é uma das grandes influências indígenas na minha vida, tanto do trabalho artístico quanto de um pensamento que hoje as pessoas chamam de decolonial, mas que no Rio Negro é um pensamento que caminhou por um outro sentido e que hoje, comparando as duas coisas, me parece ser

bem parecido. Escrevi esse texto que se chama *Uma Maloca-Museu para Feliciano Lana, o Filho dos Desenhos dos Sonhos*, que em um primeiro momento era um texto para ser publicado em inglês e não em português, no projeto *Cultures of Anti-racism in Latin America*, da Universidade de Manchester, na Europa. Depois uma universidade da Argentina me convidou para que a gente traduzisse esse texto para o espanhol e agora o Idjahure traduziu esse texto do inglês para português para a Pinacoteca, para o catálogo de *Véxoa: Nós sabemos*. Então é um texto que tem circulado bastante porque traz algumas reflexões sobre o pensamento do Feliciano, que tem a ver com o pensamento do Firmiano e do Luiz, e também o pensamento de outras personagens indígenas do Rio Negro, que fazem parte de todo esse movimento dos narradores indígenas, numa coleção chamada *Narradores indígenas do Rio Negro*, onde foi republicada a versão original do Lana.

Eu fiquei bem feliz pelo convite que o Idjahure me fez para estar junto com vocês e fiquei um pouco apreensivo porque eu não sou **Tukano** e não sou **Desana**, eu sou **Baniwa** que é um outro grupo indígena que pouco tem em comum com a história do livro. Apesar de eu conhecer bastante essas histórias, porque conheço essas pessoas, essas histórias não fazem parte, digamos, do panteão da construção histórica dos **Baniwa**, mas eu me interessei bastante e aceitei por conta de poder conversar com vocês sobre a visualidade desse livro. Sobre o que esse livro traz de novidade para a gente compreender esse mundo indígena do Rio Negro, esse mundo indígena **Desana**, **Tukano**, **Pira-Tapuia**, **Baniwa**.

Apesar de estar num formato narrativo e em português, esse livro na verdade é um grande conjunto de cantos que contam a história do povo. A gente tem que imaginar esse livro como várias canções ou várias músicas, que de fato inclusive são realizadas nos rituais no Rio Negro, onde se cantam essas histórias. Os **Baniwas**, por exemplo, têm vários cantos que contam sobre **Ñapirikoli**, sobre Amaro, sobre os clãs, sobre a transformação do mundo, assim como os **Tukano** e outros povos também. Contam a história de como as mulheres roubaram as flautas sagradas, de como o trovão veio à Terra. E não são textos, são cantos, acho que o livro é uma tradução desses cantos. Inclusive até lembrei de uma ópera, *Dessana, Dessana*, dos escritores amazonenses Márcio Souza e Aldísio

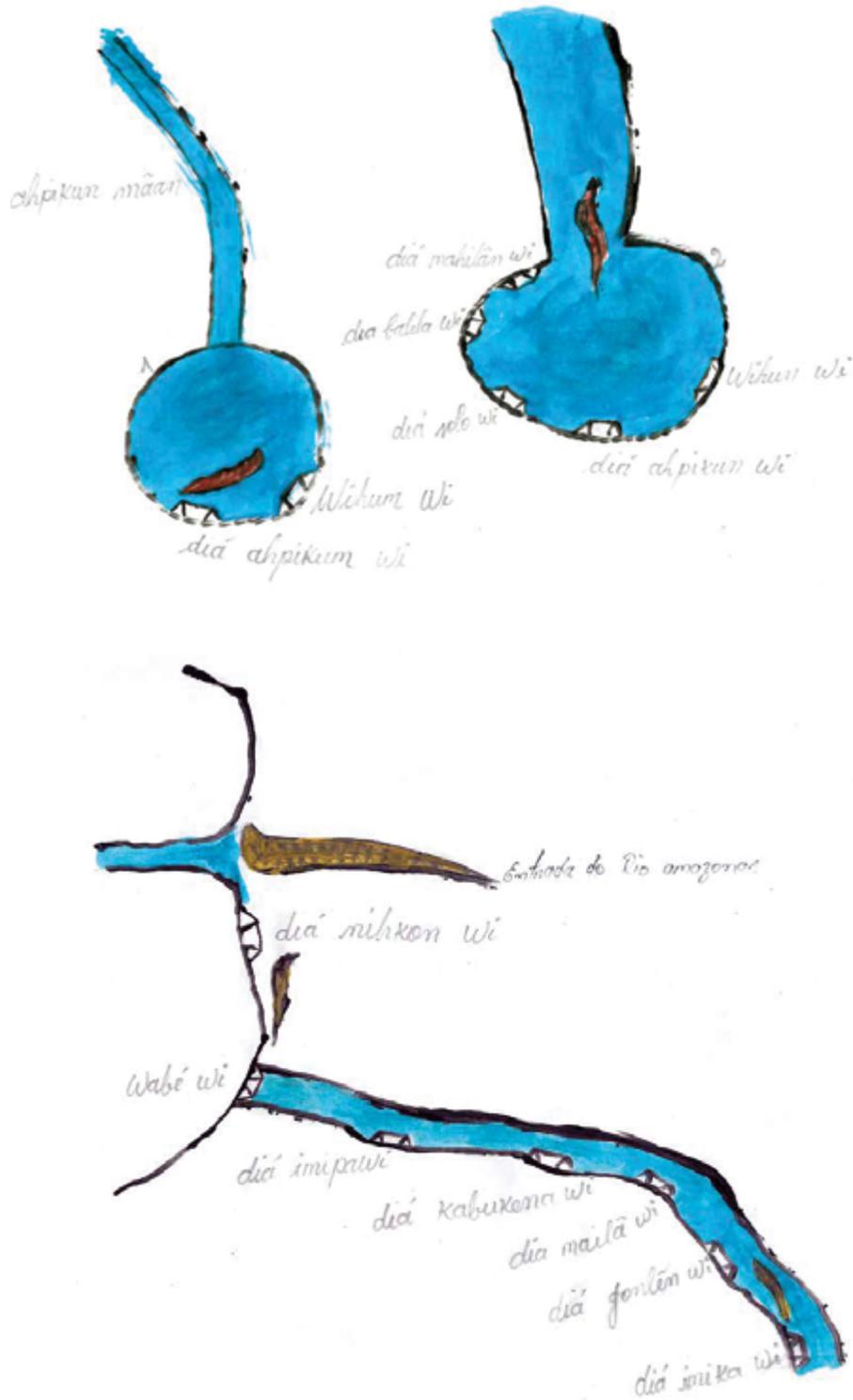
Filgueiras. O livro, de fato, é como se fosse um grande livreto de ópera, com vários atos. Claro que os Lana talvez não pensaram nisso na hora de escrever o livro e é uma coisa que eu estou compartilhando com vocês agora, para vocês entenderem que o que está escrito aqui é realizado nos rituais do Rio Negro como cantos e dança. Também é uma forma de passar esses conhecimentos para os mais novos.



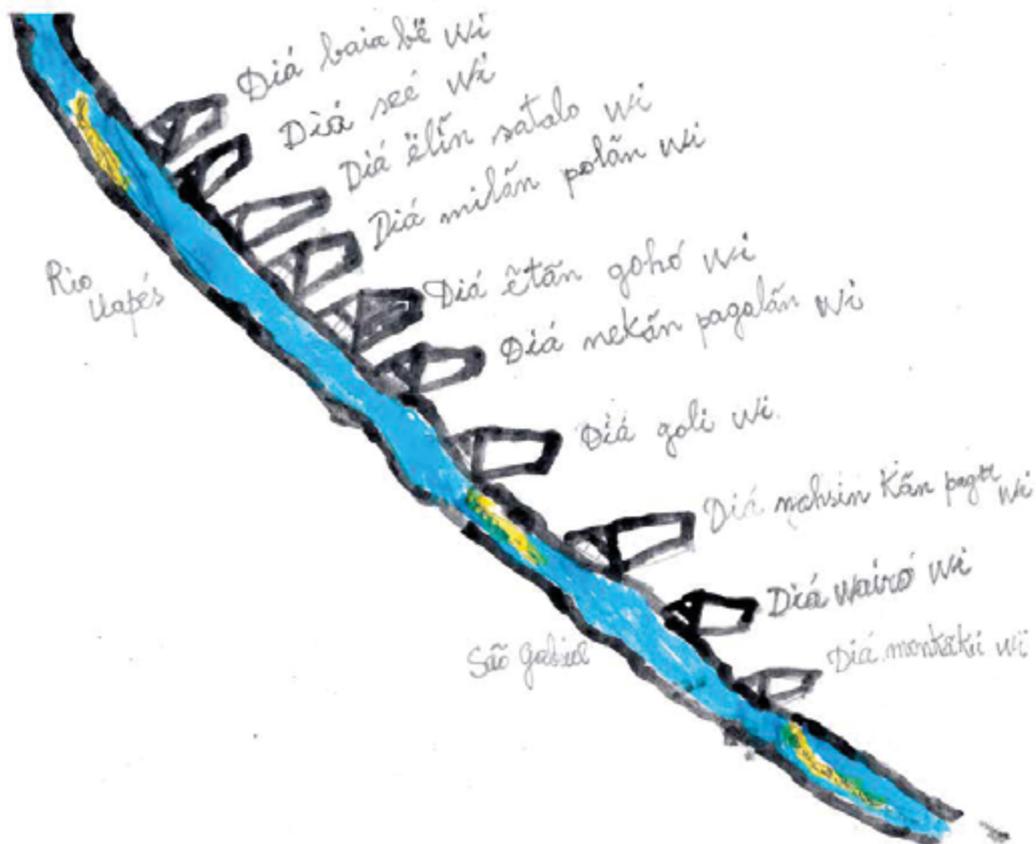
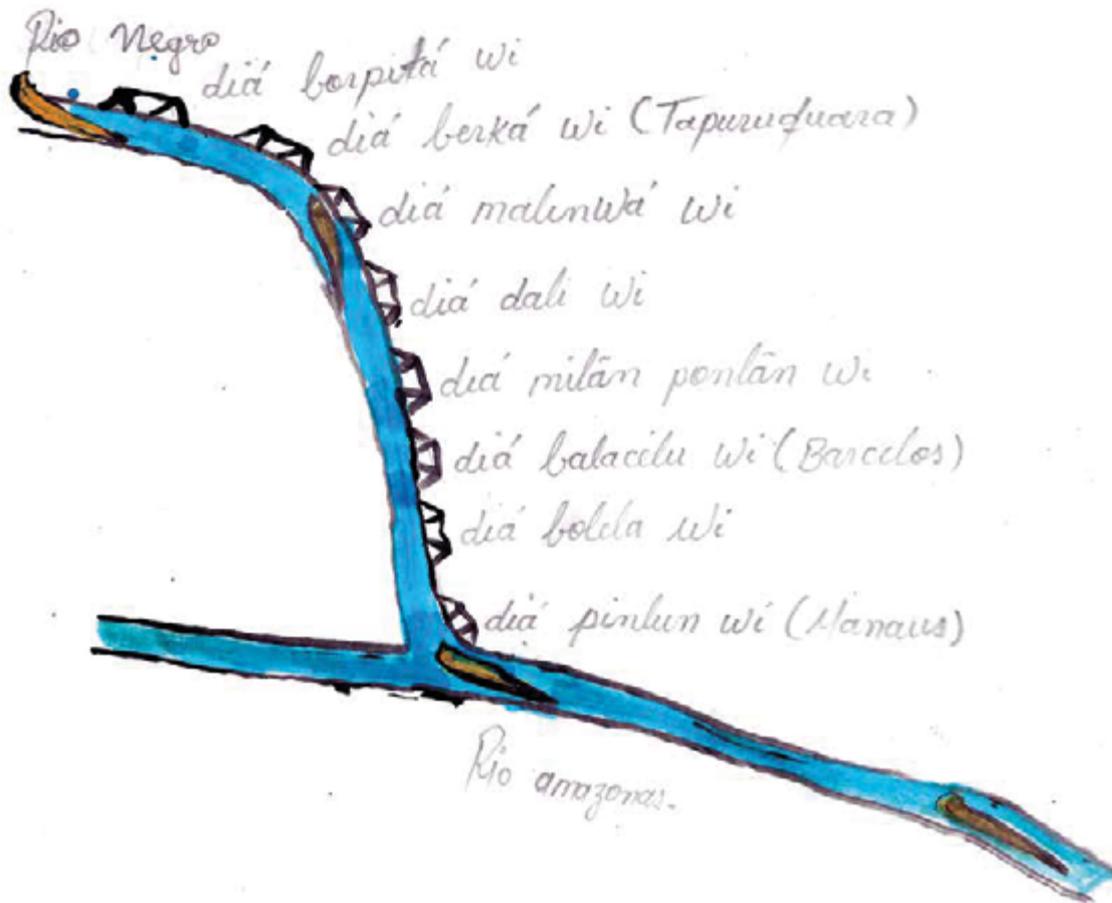
Desenho de Tōrāmũ Kēhíri para o livro *Antes o mundo não existia*, página 28

Isso que estamos vendo aqui é uma versão do Luiz e não existia antes. Essas histórias todas eram contadas e não tinha um formato da Cobra-Canoa. Inclusive cada um contava de um jeito. Tem alguns desenhos de outros artistas Desana, Tukano, Tariano, Pira-Tapuia também, em que os formatos dessa Cobra-Canoa muda. Às vezes as pessoas estão em cima e não dentro. Às vezes é uma canoa mesmo em formato de cobra, às vezes é um submarino, às vezes é como um camarão. Com esse livro foi a primeira vez onde tivemos visualidades mais modernas em relação à mitologia de um povo do Rio Negro. As imagens que a gente tinha até então eram imagens dos petroglifos, das histórias escritas nas pedras. O Lana foi quem começou a pintar e publicar desenhos mais modernos mostrando como são esses elementos da mitologia *desana*.

O livro também traz uma coisa que é muito interessante, que são esses mapas. Ao longo do livro e no final tem esses mapas, que são super interessantes. Como se levassem o leitor para entender o contexto da região, dos lugares por onde essa Cobra passou, com legendas e tudo. É incrível essa imagem do final do livro, da aldeia de São João.

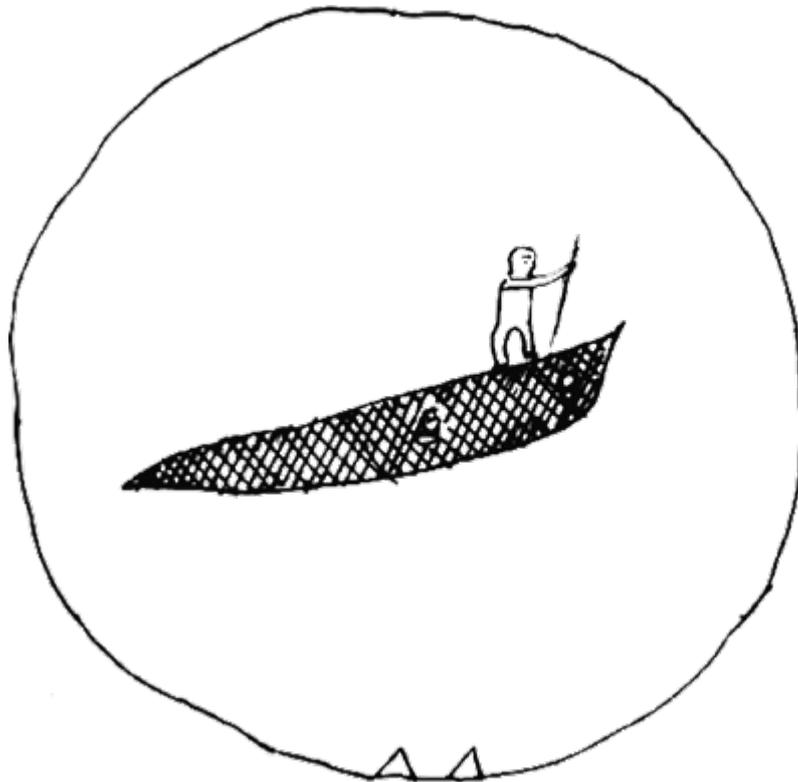


Desenhos de Tõrãmũ Kêhĩri para o livro *Antes o mundo não existia*, páginas 30 e 31

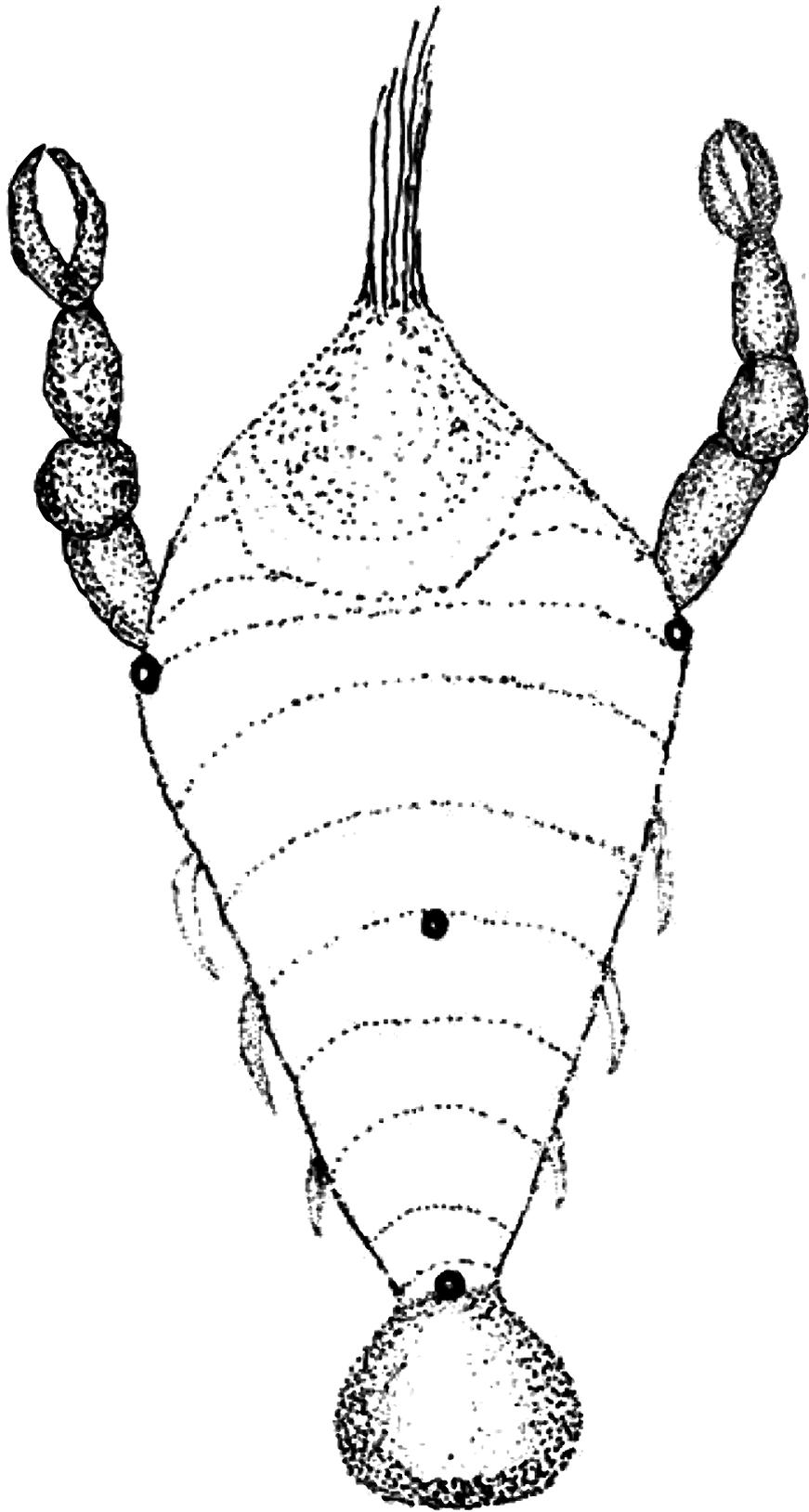


Desenhos de Tõrãmũ Kêhíri para o livro *Antes o mundo não existia*, páginas 32 e 33

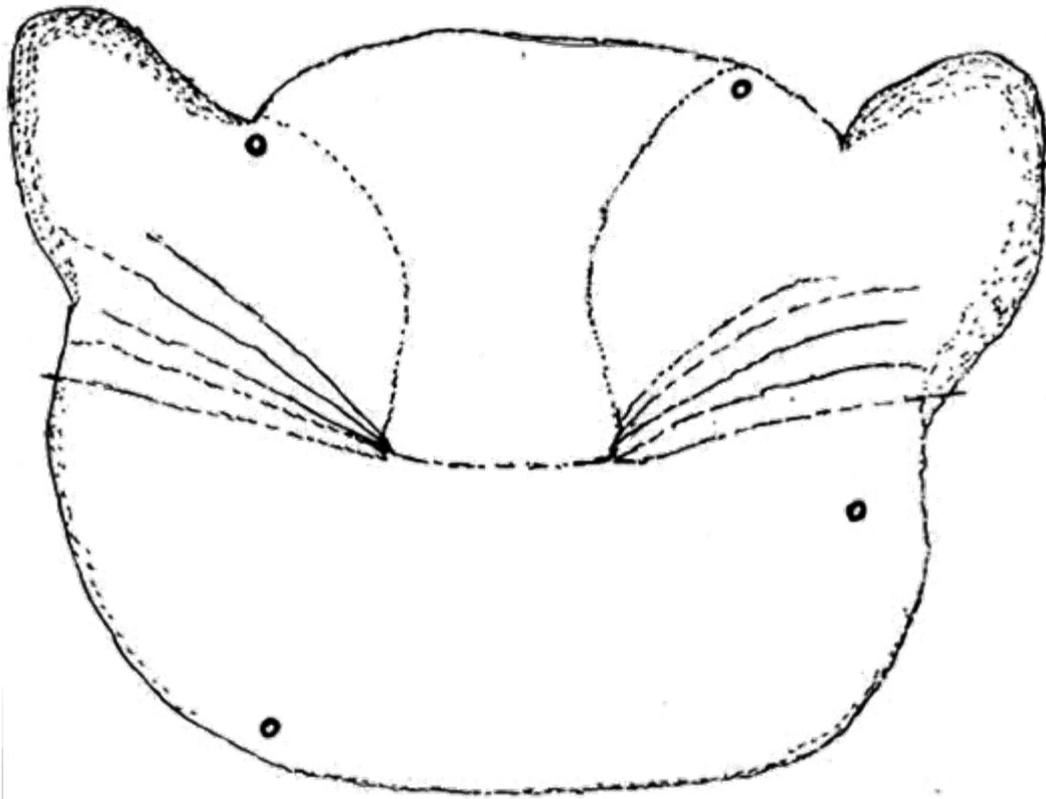
Esses desenhos da primeira edição o Luiz Lana tinha perdido o paradeiro. Ele tinha falado que tinham queimado os desenhos da primeira edição. Por coincidência o revisor do texto desse livro, o Cesar Bauman, é irmão do Tadeu Bauman, que trabalhava com a Berta Ribeiro e tinha refeito esses desenhos no Museu Nacional. Os desenhos das edições anteriores têm essa característica de terem sido refeitos a partir dos originais. Por conta dos *Kadiwéu*, para o livro da *Biosfera*, eu fui à Fundação Darcy Ribeiro em Brasília e pedi para ver as pastas da Berta Ribeiro relacionadas ao Luiz Lana. Vi os desenhos originais refeitos pelo Tadeu e encontrei uma série de outros desenhos, inclusive esse mapa e mais um desenho do Feliciano. Esse mapa é o mapa de onde moram os Lana. Esses recortes talvez tenham sido da própria Berta. Porque eles colaboraram. Tem uma série de desenhos sobre as constelações. Ele vai mostrando esse calendário das chuvas e dos plantios, todo desenhado pelo Luiz Lana. E mais um sobre pesca e um sobre as larvas.



Desenho de Tōrāmũ Kēhíri



Nahrīn Kamē (camarão, constelação)



Yé Disáka Poaló (onça, queixo, barba)
ou Mangá Mên puiró (maniuara, enchente)

DENILSON BANIWA

Esse livro a gente do Rio Negro nunca imaginou que estaria sendo lido por pessoas de fora de lá. E é incrível que hoje tenham pessoas interessadas e que uma editora republique esse livro de maneira tão incrível. Então ele acaba sendo, para quem se interessar e para quem se deixar tocar pelo livro, uma porta de entrada para um mundo gigantesco que é esse conhecimento ancestral Desana, ou Baniwa, ou Tukano, dos povos do Rio Negro. E que pode levar a outros lugares. Esses desenhos da constelação, por exemplo, é incrível que a gente, depois de terminar o livro, comece a procurar saber como os Desana olham o céu e entendem o céu, porque o céu também faz parte de toda essa história. Alguns clãs inclusive vêm dessas constelações.

É incrível que você tenha achado esses arquivos. É uma parte da história do Rio Negro. É um trabalho de pajé desse cara que vai para outros mundos e consegue trazer todas essas informações para a gente de uma maneira que é muito fácil de ser traduzida.

Essa última eu acho incrível, do caminho, que me lembra uma outra cena da literatura ocidental, quando a Alice encontra o gato pela primeira vez. Ela pergunta “Qual é o caminho certo?”, e o gato fala “Para onde você quer ir?”, e ela fala “Eu não sei”, e ele fala “Para quem não sabe onde quer ir, qualquer caminho serve.”



Desenho de Tōrāmū Kēhīri para o livro *Antes o mundo não existia*, páginas 168 e 169

Uma das coisas que eu comentei com o Idjahure era isso, essa transformação da oralidade para a visualidade. E a partir daí a gente entende todo um contexto. E eu digo a gente do Rio Negro, indígenas mesmo, imaginar outras possibilidades. Até escrevi naquele texto algo que talvez não seja certo, mas é como se a família Lana, pela escrita e pelo desenho, pela gravura, desenhassem pela primeira vez a face de Deus e de Jesus. Teve uma pessoa que uma primeira vez desenhou Jesus de barba e cabelo longo, que é reproduzido pelo mundo inteiro. E a família Lana fez isso, transformou uma coisa que era muito fluida em um desenho que também é muito fluido porque ele vai mudando, não tem uma coisa de ser uma imagem só, fixa e estática. Ele se transforma e os mapas também se transformam. Porque o mapa do Luiz e do Feliciano já têm uma diferença. E aí vem o Gabriel Gentil e desenha um mapa a partir de uma atualização que foi o próprio Feliciano que teve, quando ele falou que o Rio de Janeiro é o Lago do Leite Materno. Eu acho tudo muito incrível.

Essa *Natureza morta* acho que fica claro que é uma lembrança sobre o desmatamento e o avanço do agronegócio, das queimadas. A destruição da floresta pelo agronegócio e madeireiros. Em 2016, eu vi que existia uma forma de desmatamento que parecia muito com um jabuti ou uma tartaruga, e eu pensei: “Caramba, mataram uma tartaruga!”. E o que eu fiz foi pensar que às vezes essas manchas de desmatamento não alcançam algumas pessoas. Elas não entendem o tanto de vida que se perde naquela área devastada, desmatada, destruída da floresta. E aí eu fiquei pensando, se eu juntar tudo isso e formar uma imagem que cause uma sensibilidade maior nessas pessoas talvez elas entendam que não é só um desmatamento, é toda a destruição de um ecossistema. Às vezes até de um bioma como o cerrado, que vai chegar até a gente na cidade. E aí o que eu fiz foi pegar várias manchas de desmatamento e ir juntando, dessas fotos via satélite, eu desenhei a forma de algum bicho ou de uma pessoa. Depois pego essas várias manchas, vou juntando até elas todas formarem uma imagem. E aí tem esse duplo sentido do nome também, ‘natureza morta’ ser um estilo de pintura e ‘natureza morta’ também da natureza destruída, das vidas que se perdem. Não é só planta que se perde.



Natureza Morta 1, de Denilson Baniwa

Aqui tem outra, que conta a mesma história que está no livro. É quando *Ñapirikoli* sopra o mundo, as coisas. É sobre a criação das coisas através da fumaça do tabaco, uma das coisas que está no livro. Esse momento dessa tela é o momento de criação dos clãs, de quando com a fumaça do *Ñapirikoli* vai criando os clãs e toda a vida naquele universo que é o que a gente vive lá. Então tem o clã da Sucuriju, da Onça, do Inambu, do Papagaio, do Sapo. Essas figuras centrais são o Umbigo do Mundo, que não é um mito *Tukano*, é *Baniwa*. E tem um pouco falando sobre o *adabi*, que é a cerimônia de iniciação do *kariamã*. Não que seja inspirada diretamente pelo livro, conscientemente, mas de certa maneira é inspirada pelo que eu já havia visto do trabalho do Feliciano e do Luiz.

O nome desse trabalho é o nome do *Ñapirikoli* traduzido, que é senhor do cosmos, senhor do universo, dono do universo. É um nome muito pomposo, eu gosto, que é digno de um criador.



O Agro não é Pop 1, de Denilson Baniwa

Essa é uma tentativa de juntar esses dois mundos. Claro que a imagem que mais chama atenção é uma menina sentada com um telefone e um fone de ouvido, escutando provavelmente a Rádio Yandê tocando músicas indígenas modernas. E todo o desenho de fundo na verdade é que eu acho mais interessante, porque é onde conto essas histórias antigas. E eu volto ao que a Anna falou no comentário de que o Feliciano e o Luiz não escolheram ilustrar grafismos porque grafismos só seriam entendidos pelos indígenas, por quem é do círculo indígena. E os meus trabalhos têm muito disso. Essa imagem que os brancos entendem, que é uma menina sentada ouvindo música com o smartphone; e tem essa outra camada que é uma camada que os indígenas entendem, da minha região, claro. Não vou dizer aqui que os *Kadiwel* entendem os grafismos daqui do Rio Negro. O pessoal do Rio Negro entende. É essa mistura das duas coisas.



O Agro não é Pop 2, de Denilson Baniwa

Esse trabalho no Museu Afro Brasil foi um convite que me fizeram para fazer parte de uma exposição chamada *Brasil Profundo*, que era para tratar sobre a questão indígena. E aí eles me chamaram para fazer um mural logo na entrada da exposição. E aí eu escolhi o pajé-onça, que é dessa história **Baniwa** de um pajé muito poderoso que dedicou a vida a entender o mundo. Já tinha essa série que eu faço do pajé-onça, que às vezes está em pé, às vezes ele está em formato de onça, às vezes ele está metade onça metade gente.



Yawareté Payé, de Denilson Baniwa

Às vezes ele está de várias formas totalmente transformado, ou não transformado, ou entre transformação, enfim. E aí eu fiquei pensando, no lugar onde estava ali na exposição, de usar um recurso que fosse ativado por luz, então eu fui procurar tintas que têm um componente químico que é ativado por luz negra, luz ultravioleta. Então quando as luzes estão apagadas não aparece muita coisa e, quando a luz é acesa, aí começam a vibrar esses seres antigos, que é de certa maneira uma metáfora a esses conhecimentos indígenas. Eles existem, eles estão aí disponíveis para quem quiser e só vai conhecer quem quer ver. Ou quem for ativado por um livro a ver esse mundo e, ao mesmo tempo também, esses seres que os *Desana* contam no livro, que são seres primordiais e que vivem até hoje entre a gente, a gente só desaprendeu a ver eles. Só desaprendeu a encontrar eles pelo nosso caminho, mas se a gente quiser, e aí usando os meios *Desana* ou *Baniwa* ou *Tukano*, a gente consegue ter acesso a esse mundo, a esses outros seres que são invisíveis para quem foi coberto por camadas e camadas de preconceitos ao longo do mundo. Preconceitos sobre o que é invisível, sobre o que é real e o que não é real. E esse é o trabalho. São alguns clãs *Baniwa*, alguns seres que estavam no Lago de Leite, no lago primordial. Porque dizem que a gente veio desse lago primordial, as primeiras vidas, onde a Sucuriju é a dona do rio e a dona das águas, a mãe de todos os peixes. Então são esses seres primordiais que são ativados com essa luz ultravioleta. E aí o Pajé-Onça consegue contar essa história, mas só quando a gente é ativado, digamos assim.



Yawareté Payé, de Denilson Baniwa



Petroglifos na Selva de Pedra, de Denilson Baniwa

Essa é uma projeção a laser, que vai marcando a cidade com luzes. Essa foi feita para uma fala do João Paulo Tukano. Enquanto você acha a imagem eu vou tentando responder algumas perguntas. Eu conversei com o Idjahure sobre o que eu pretendo quando faço alguns trabalhos publicamente. O meu pensamento é trazer a memória dessas cidades. Se a gente for olhar a história de São Paulo, São Paulo foi construída a partir de um aldeamento indígena, já que os indígenas são muito inteligentes e escolheram os melhores lugares para construir suas aldeias. São Paulo nasceu em cima de um aldeamento indígena que tinha como um rio estradas de conexões bem próximas. Ao longo da construção de São Paulo foi se acabando todo o entorno e os rios foram assoreados. E aí foram camadas e camadas de concreto e ferro e lixo até a gente chegar neste estado onde os rios estão mortos e assoreados e o fluxo, o trânsito das pessoas fica muito complexo, porque não é feito para as pessoas

transitarem. E nisso tudo, toda essa memória indígena da cidade, esse DNA da terra, vai sendo apagado, coberto por essas camadas de concreto e ferro. Quando eu faço os murais ou os lambe-lambe na rua e essas projeções a laser, é para chamar atenção que antes dessas cidades, esse lugar era um território indígena, que tem todo um conhecimento que está soterrado ali e que precisa vir à tona pra gente entender inclusive a nossa vida no mundo moderno. Então essa é uma máquina de laser, ela projeta a longas distâncias, então eu estou muito longe desse lugar aí. Essas imagens, parece que algumas delas são animadas, elas ficam voando. Aí tem uma arara, uma serpente lá atrás e o rosto do pajé-onça. Mas são vários animais e elas são animadas e ficam mudando de cor. É esse chamamento da pessoa urbana para uma história que talvez ela nem conheça sobre o lugar onde ela vive. Procurando saber sobre a história desses lugares, entender situações que a gente vive no mundo moderno e que a gente acha que sempre foram assim.

O céu não é o limite do potencial para toda essa energia das artes, de todas as artes... Muita gente se liga muito nas artes visuais porque é o que está aparecendo muito agora, mas eu estou muito interessado, por exemplo, na arte da literatura, na arte da música, de todo um conjunto de linguagens que, aí puxando muito o *aracu pinima* pro Rio Negro, que tem um potencial incrível, que dá para a gente entender inclusive situações muito complexas do mundo moderno. A gente estava conversando sobre a Cobra-Canoa e eu tenho um trabalho em que eu começo a pensar sobre essa Cobra-Canoa e essas transformações em diversas outras Cobras-Canoas no mundo, até chegar nesse metrô de São Paulo. Pensando, por exemplo, que a Cobra-Canoa carrega todos os clãs e conhecimentos do mundo nesse primeiro momento da criação e que o metrô de São Paulo carrega uma quantidade de conhecimento e diversidade gigante.

Uma vez eu estava em São Paulo dentro do metrô e tinha chinês, japonês, árabe, brasileiro, negro, índio, dentro de uma Cobra-Canoa moderna, digamos assim. Então são coisas com as quais dá para entender o mundo moderno a partir de todo esse conhecimento muito ancestral. Até porque são conhecimentos que de certa maneira viajaram para o futuro, passado e presente, tudo ao mesmo tempo. Então o potencial

disso tudo não tem nem como imaginar. Vai desde a arte visual, da música, literatura, até a construção de pensamentos muito complexos sobre a sociedade.

Eu quero agradecer ao convite e a todo mundo que assistiu e dizer que estou à disposição também. E, para fechar, lembrei de uma coisa agora sobre o potencial das artes indígenas e do pensamento indígena: eu penso sobre os **Tupinambá** e a Revolução Francesa. Tem uma história de que o pensamento *tupinambá* 'sem rei, sem deus e sem patrão' influenciou a Revolução Francesa. Então o potencial do pensamento indígena é muito complexo. A gente aprendeu a colocar dentro de uma caixa como algo menor, mas se a gente for olhar com outras perspectivas, é incrível.

DENILSON BANIWA

Artista-jaguar do povo indígena **Baniwa**. Seus trabalhos expressam sua vivência enquanto ser indígena do tempo presente, mesclando referências tradicionais e contemporâneas indígenas com ícones ocidentais para comunicar o pensamento e a luta dos povos originários em diversas linguagens, como canvas, instalações, meios digitais e performances.

<https://www.behance.net/denilsonbaniwa>

IDJAHURE KADIWEL

Idjahure Kadiwel é poeta e antropólogo, sendo atuante também como editor, tradutor, intérprete e roteirista. Nascido no Rio de Janeiro, é pertencente aos povos **Terena** e **Kadiwel**, do Pantanal sul-mato-grossense. É graduado em Ciências Sociais pela PUC-Rio (2017), mestre em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ (2020) e doutorando em Antropologia Social pela USP. Desde 2016 é correspondente da Rádio Yandê. Seus trabalhos e pesquisas enfocam as etnomídias e as artes indígenas.

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem. A coordenação editorial é de Mariana Rotili e a editoração de Isabelle Passos. Este caderno é uma coedição com Idjahure Kadiwel que orientou o *[ciclo de leitura Antes o mundo não existia](#)*. Contamos com a especial colaboração de Larissa Vaz que transcreveu a fala do Denilson Baniwa.

Mais informações em selvagemciclo.com.br

LARISSA VAZ

Jornalista de formação e mestranda em antropologia, Larissa Vaz trabalha com pesquisa, edição, revisão e tradução para publicações. Co-editou a antologia de poesia *Tertúlia* (ágrafa, 2018) e colaborou como pesquisadora para os livros *Todas as crônicas* (Rocco, 2018) e *Todas as cartas* (Rocco, 2020), de Clarice Lispector. É também oraculista e escreve para sondar o mistério

Cadernos SELVAGEM
publicação digital da
Dantes Editora
Biosfera, 2023

